

A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO SEGURO PARA O DESENVOLVIMENTO ESCOLAR INFANTIL

MARIANA DE SOUZA PRADO¹
CARLOS A. BASSI VIVIANI²

RESUMO

O presente trabalho apresentou uma revisão crítica acerca da literatura relacionada aos conceitos apresentados pela “Teoria do Apego”. O conceito de apego diz respeito ao vínculo afetivo/emocional estabelecido entre os seres humanos, em que um deles representa uma figura de segurança e conforto, enquanto o outro, busca aproximar-se dessa figura em situações de desconforto ou ameaça. A qualidade do apego/vinculação está associada às diferentes formas de como as crianças em idade pré-escolar expressam suas emoções e compreendem seus estados emocionais e os dos outros. Observações relativas ao cuidado inadequado na primeira infância, ao desconforto e a ansiedade de crianças pequenas, todas elas relacionadas à separação de seus cuidadores (pais), levaram o psicanalista e psiquiatra, especialista em psiquiatria infantil, John Bowlby (1907-1990), a estudar os efeitos do cuidado materno sobre as crianças em seus primeiros anos de vida e como este cuidado pode influenciar ao longo de suas vidas. O objetivo deste trabalho foi identificar qual o padrão de apego predominante entre crianças com idade entre três (3) e quatro (4) anos (segunda-infância) diante do distanciamento e/ou separação de seu modelo de apego (mãe) ao iniciarem na pré-escola, além de esclarecer a importância da qualidade do vínculo para o desenvolvimento emocional dessas crianças. Para tanto, enfatiza-se a perspectiva teórica que se adota para análise do construto estudado. Em seguida, explicou-se os padrões de apego, suas características e a importância do apego seguro para o desenvolvimento emocional e escolar dessas crianças.

Palavras-chave: apego, vinculação, desenvolvimento emocional, pré-escola.

¹ Bacharel em Administração de Empresas, acadêmica do 5º período de Psicologia, Faculdade de Extrema.

² Mestre em Engenharia Elétrica e de Computação.

THE IMPORTANCE OF SAFE LINKS FOR CHILDREN'S SCHOOL DEVELOPMENT

ABSTRACT

This paper presents a critical review of the literature useful to the concepts presented by the "Attachment Theory". The concept of attachment refers to the affective / emotional bond established between human beings, in which one of them represents a figure of security and comfort, while the other seeks to approach this figure in situations of discomfort or threat. Attachment quality is associated with the different ways preschoolers express their emotions and understand their emotional states and those of others. Observations regarding inadequate early childhood care, discomfort and anxiety in young children, all related to the separation of their caregivers (parents), led the psychoanalyst and psychiatrist, child psychiatry specialist John Bowlby (1907-1990), to study the effects of maternal care on children in their early years and how this care can influence their lives. The aim of this study was to identify the predominant attachment pattern among children aged three (3) and four (4) years (second-childhood) in the face of the distancing and / or separation of their attachment model (mother) when starting in pre- school, in addition to clarifying the importance of bond quality for the emotional development of these children. Therefore, the theoretical perspective adopted for the analysis of the studied construct is emphasized. Then, described attachment patterns, their characteristics, and the importance of secure attachment for the emotional and school development of these children.

Keywords: attachment, emotional development, preschool.

1. INTRODUÇÃO

A Teoria do Apego ou Teoria da Vinculação é um dos campos de investigação mais vastos, mais profundos e mais criativos na Psicologia do século XX. Esta teoria defende que uma ligação emocional forte com ao menos um cuidador primário é fundamental para o desenvolvimento social e emocional saudável da criança (SILVA, 2014). Segundo este autor, nos primeiros anos de vida, problemas no estabelecimento desta ligação poderão resultar em padrões de comportamentos anormais e em dificuldades na regulação emocional da criança.

John Bowlby, psicanalista e psiquiatra, foi o grande criador da Teoria do Apego/Vinculação, seu trabalho inicial recai sobre os efeitos da privação de cuidados maternos e na interrupção da vinculação para compreender o desenvolvimento psicopatológico, bem como as possíveis implicações que estes acarretam (SILVA, 2018). A autora ressalta que para Bowlby (1969), a vinculação caracteriza uma relação emocional intensa entre a criança e a figura que lhe presta cuidados (figura de vinculação), que se perpetua no tempo e no espaço.

No artigo “Revisitando alguns Conceitos da Teoria do Apego: Comportamento *versus* Representação”, Ramires e Schneider (2010) destacam que a Teoria do Apego foi desenvolvida como uma modificação da Teoria das Relações Objetais. Para estes autores, o apego é um tipo de vínculo no qual o senso de segurança de alguém está literalmente ligado à figura de apego. Esta segurança e o conforto sentidos na presença da figura de apego permitem que estes sejam usados como uma “base segura”, a partir da qual poderá se explorar o resto do mundo (RAMIRES; SCHNEIDER, 2010).

A teoria do apego apresenta as seguintes características: especificidade (o comportamento é dirigido a apenas alguns indivíduos específicos, geralmente em ordem clara de preferência), duração (os comportamentos de apego podem se transformar ao longo da vida, e até mesmo serem substituídos, entretanto, sempre estarão presentes de uma forma ou de outra, principalmente aqueles construídos na primeira infância), engajamento emocional (as nossas ligações afetivas são sempre permeadas de emoções intensas), ontogênese (as crianças possuem uma figura de apego de preferência, que é desenvolvida a partir de 9 meses e perdura até cerca de 3 anos de idade. Quanto mais experiência a criança

possui com essa figura - geralmente, mas não necessariamente, a mãe - , mais apegada ela estará), aprendizagem (o apego pode ser construído mesmo em relações de recompensa e punição, ainda que possua menor função nessa abordagem), organização (o apego vai se construindo das respostas mais simples às mais complexas, se sofisticando a partir dos modelos representacionais internalizados do ambiente e do self), e função biológica (o comportamento de apego está presente em quase todas as espécies animais, sendo importante para a sobrevivência e proteção de predadores) (BARSTAD, 2013, p. 17).

Dalbem e Dellaglio (2005) ressaltam que Bowlby considerou o apego como um mecanismo básico dos seres humanos. Estes autores também apontam que o papel do apego na vida dos seres humanos envolve o conhecimento de que a figura de apego está disponível e oferece respostas, proporcionando um sentimento de proteção e segurança que são os fortificadores da relação. Ainda neste sentido, com o passar do tempo, um verdadeiro vínculo afetivo se desenvolve garantido pelas capacidades cognitivas e emocionais da criança, bem como pela consistência dos procedimentos de cuidado, pela sensibilidade e respostas dos cuidadores. Sendo assim, estes autores também ressaltam que um dos pressupostos básicos da Teoria do Apego é de que as primeiras relações de apego, estabelecidas na infância, afetam o estilo de apego do indivíduo ao longo de sua vida.

Mary Ainsworth é vista como co-autora de John Bowlby, pelo seu trabalho de investigação das relações mãe-criança e pelo desenvolvimento de um método para avaliação dos tipos de vinculação - a “Situação Estranha” (SILVA, 2014). Os trabalhos de M. Ainsworth sobre o desenvolvimento socioemocional durante os primeiros anos de vida evidenciaram que o modelo de apego que um indivíduo desenvolve durante a primeira infância é profundamente influenciado pela maneira como seus cuidadores primários (pais ou pessoas substitutas) o tratam, além de estar ligado a fatores temperamentais e genéticos (DALBEM; DELLAGLIO, 2005).

Entretanto, durante todo o ciclo vital, o comportamento de apego pode ser expresso através de variadas formas e intensidade. Podem-se ter formas ativas, como procurar ou seguir o cuidador, formas aversivas: como chorar, ou pode ainda aparecer sob formas e sinais comportamentais que sinalizam para o cuidador o interesse de interação da criança, como sorrir e verbalizar de modos distintos. J.

Bowlby distinguiu dois tipos de fatores que podem interferir na ativação do sistema de comportamento do apego: aqueles relacionados às condições físicas e temperamentais da criança, e os relacionados às condições do ambiente (DALBEM; DELLAGLIO, 2005).

A interação desses dois fatores é complexa e depende, de certa forma, da estimulação do sistema de apego. Além disso, esse sistema tem função direta nas respostas afetivas e no desenvolvimento cognitivo, já que envolve uma representação mental das figuras de apego, de si mesmo e do ambiente, sendo estas baseadas na experiência (DALBEM; DELLAGLIO, 2005, p. 5).

Diferentemente da alimentação e do sexo, conforme postulado pela teoria freudiana e de igual importância para a sobrevivência, o apego tem sua própria motivação interna (BOWLBY, 1989 como citado em RAMIRES; SCHNEIDER, 2010). Sendo o apego um estado interno, sua existência pode ser observada através dos comportamentos de apego como sorrir, fazer contato visual, chamar, tocar, agarrar-se, chorar, ir atrás, estes são alguns exemplos desses comportamentos. Tais comportamentos possibilitam ao indivíduo conseguir e manter a proximidade em relação a uma figura de apego, ou seja, um indivíduo claramente identificado, considerado mais apto para lidar com o mundo (RAMIRES; SCHNEIDER, 2010).

O presente trabalho almejou encontrar situações que apontassem ou não um vínculo com qualidade estabelecido entre as crianças observadas e seu cuidador escolar, bem como indícios de que essas crianças se sentem seguras no seu ambiente escolar. O objetivo deste trabalho foi identificar qual o padrão de apego predominante entre crianças com idade entre três (3) e quatro (4) anos (segunda-infância) diante do distanciamento e/ou separação de seu modelo de apego (mãe) ao iniciarem na pré-escola, além de esclarecer a importância da qualidade do vínculo para o desenvolvimento emocional dessas crianças. Para tanto, enfatiza-se a perspectiva teórica que se adota para análise do construto estudado. Em seguida, explicaram-se os padrões de apego, suas características e a importância do apego seguro para o desenvolvimento emocional e escolar dessas crianças.

2. METODOLOGIA

Esta observação foi de caráter transversal, do tipo qualitativa e quantitativa, com objetivo de identificar qual o padrão de apego apresentado por crianças entre três (3) e quatro (4) anos (segunda-infância) diante do distanciamento e/ou separação de seu modelo de apego (mãe) ao iniciarem na pré-escola, além de esclarecer a importância da qualidade do vínculo para o desenvolvimento emocional dessas crianças tendo como objetivo específico determinar o tipo de apego predominante entre os sujeitos observados. A delimitação da amostra foi constituída por 09 escolares, sendo 02 meninas e 07 meninos, devidamente matriculados na educação infantil.

Para a coleta dos dados, primeiramente foram realizadas visitas à escola. Nessas visitas, descreveu-se como seriam realizadas as observações e quais seriam os métodos de avaliação utilizados, e somente após a autorização da Coordenação a observação teve início. Para a elaboração desta observação foram utilizadas pesquisas bibliográficas que tiveram como foco o estudo da “Teoria do Apego” de John Bowlby (1907-1990). A pesquisa bibliográfica está baseada em estudos de autores como Flávia de Fátima Machado Silva, Bárbara Saur, Franciele Sassi e Mariana Guerra Barstad entre outros, que elaboraram estudos pertinentes ao assunto.

2.1 Instrumentos

Foram utilizados como instrumento para a coleta de dados o Registro Contínuo Cursivo e a Escala Likert (Check List). A coleta dos dados foi realizada diariamente no período de 07 a 18 de outubro de 2019, em acordo com o número de crianças presentes em sala de aula nos dias da observação. O planejamento das 54 horas foi destinado a observar o comportamento de apego apresentado pelas crianças, através de variadas formas e intensidade, diante de situações corriqueiras do dia a dia escolar.

2.2 Escala Likert

Foi desenvolvido por Rensis Likert (1932) o modelo mais utilizado e debatido entre os pesquisadores para mensurar atitudes no contexto das ciências comportamentais. A escala de verificação de Likert consiste em tomar um construto e desenvolver um conjunto de afirmações relacionadas à sua definição, para as quais os respondentes emitirão seu grau de concordância. Construtos como autoestima, depressão, etnocentrismo, religiosidade e racismo são alguns exemplos mensurados por meio de escalas de Likert. (SILVA JUNIOR; COSTA, 2014).

2.2 Registro contínuo cursivo

Registro contínuo cursivo consiste em, dentro de um período ininterrupto de tempo de observação, registrar o que ocorre na situação, obedecendo à sequência temporal em que os fatos se dão. O registro deve ser preciso para que o leitor possa visualizar exatamente aquilo que o pesquisador observou. Desta forma, a replicabilidade fundamenta-se na possibilidade de qualquer outro pesquisador, conduzido pelo mesmo método, utilizando as mesmas técnicas e inserido nas mesmas circunstâncias, chegar aos mesmos resultados obtidos por determinado pesquisador. (FAGUNDES, 2015).

3. MODELOS INTERNOS DE FUNCIONAMENTO

Dalbem; Dellaglio (2005) ressaltam que por ser complexo, o sistema de comportamento de apego, a partir do desenvolvimento da criança, passa a envolver uma habilidade de representação mental, que se refere às representações das experiências da infância relacionadas às percepções do ambiente, de si mesmo e das figuras de apego denominadas modelos internos de funcionamento. Para os autores é por meio destes modelos internos de funcionamento que ocorre a tendência de recriação nas relações atuais do indivíduo. Sendo assim, os padrões

de apego estabelecidos na infância são vistos como duradouros por intermédio das diversas fases do ciclo vital, embora sejam menos evidentes em adolescentes e adultos (BOWLBY, 1973/1980 como citado em DALBEM; DELLAGLIO, 2005).

Para Bowlby (1969/1982) os modelos internos, também denominados como *working models* (modelo de funcionamento), são parte integrante do sistema de controle da vinculação, que começa no nascimento e vai ficando cada vez mais complexo ao longo da vida. Estes modelos são acessíveis à consciência e desenvolvem-se no conjunto de imagens que a criança constrói a partir da realidade, de si própria, do contexto/meio em que está inserida e das situações experienciadas com as figuras cuidadoras (DALBEM; DELLAGLIO, 2005).

As primeiras representações que formam o modelo interno de funcionamento são formadas e esquematizadas pela organização da memória enquanto as demandas da criança são correspondidas em obter segurança e conforto (DALBEM; DELLAGLIO, 2005). Além disso, por meio dos modelos internos de funcionamento, ocorre uma tendência de recriação, nas relações atuais do indivíduo, do padrão de modelo interno de apego primário (BOWLBY, 1973/1980 como citado DALBEM; DELLAGLIO, 2005).

É importante ressaltar que cada indivíduo forma seus modelos internos de funcionamento com base nas primeiras experiências com a figura de apego, sendo assim, a criança desenvolve modelos operativos internos de si mesma, do outro e do mundo, de acordo com a forma como foi cuidada, e isso servirá de base para os seus relacionamentos futuros (SASSI *et al.*, 2018).

Á medida em que este modelo for seguro, isto vai auxiliá-la a acreditar em si própria, desenvolver sua independência e explorar as relações e o mundo com segurança. No entanto, quando as figuras de referência mostram-se inseguras, ansiosas e não atendem ou não são empáticas às necessidades da criança, esta tende a desenvolver um estilo de apego inseguro ambivalente ou evitativo, em que, no primeiro, apresenta-se temerosa à separação de sua figura de apego e, conseqüentemente, a exploração do mundo se torna comprometida, ou, no segundo, em que a criança mostra-se aparentemente indiferente aos efeitos do distanciamento do adulto cuidador, porém, apresenta sintomas de outra ordem. Há também o estilo de apego desorganizado, em que a criança demonstra uma dinâmica oscilante entre a ambivalência e a evitação. Geralmente, são crianças

contraditórias na manifestação do comportamento diante da figura de referência (CASELLATO, 2012 como citado em SASSI et al., 2018).

FIGURA 1: Padrões de Apego

Padrões de apego		
Apego Seguro	Inseguro Evitante	Inseguro Ambivalente
Mãe (ou cuidador primário) é calorosa. Sensível e atenta e disponível, consistente, Rapidamente responde ao chora da criança	A mãe freqüentemente não está disponível emocionalmente ou é rejeitadora. Não gosta de ser provedora prefere a independência.	A mãe é imprevisível ou caótica. Freqüentemente atenta mas fora de sincronia com o nenê. Mãe sintonizada se o bebe está com medo.
Criança rapidamente explora utilizando a mãe como base segura. Chora menos que os outros tipos, mais obediente a mãe, e mais facilmente é posta no chão.	No final do primeiro ano, o nenê busca pouco o contato físico com a mãe, casualmente zangado com ela, sem resposta ao ser seguro, mas as vezes torna-se chateado de ser posto no chão.	O bebe chora muito, é agarrado e demanda atenção, geralmente bravo, chateado por pequenas separações, cronicamente ansioso em relação a mãe, comportamento exploratório limitado
Na situação estranha: Busca ativamente a mãe quando na situação, mantém contato quando reunida, rapidamente confortada.	Na situação estranha: Evita a mãe quando sob estresse, parece blasé	Na situação estranha: Difícil de ser acalmado após a separação – bravo e busca conforto simultaneamente
Pré-escolar: Faz amigos facilmente. Popular. Flexível e resiliente sob estresse. Dispense mais tempo com os companheiros. Boa auto estima	Pré-escolar: Geralmente zangado, agressivo, provocador. Pode ser isolado, mal querido. Fica ao redor do professor. Recolhe-se quando tem dor.	Pré-escola:r: Irritável e facilmente subjugado pela ansiedade. Imaturo, super dependente da professora. Pode ser vitimizado por tiranos

Fonte: ALMEIDA, Prof. Me. T. de., (2019). John Bowlby e a Teoria do Apego. Disponível em: <<https://slideplayer.com.br/slide/11809561/>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

4. QUALIDADE DO VÍNCULO – DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

Para Silva (2018) a Teoria do Apego/Vinculação interpreta a regulação emocional como um processo intrínseco e extrínseco, onde as emoções são ligadas a um sentimento de segurança ou insegurança, originando no indivíduo sentimento de frustração ou satisfação. O autor ainda destaca que as emoções são frequentemente associadas a sentimentos e aspetos de afetividade e que é durante a infância que se inicia o processo de estabelecer os primeiros laços afetivos, com a figura de proximidade e com outras figuras significativas.

A qualidade da vinculação está associada á diferentes formas de como as crianças expressam suas emoções e compreendem seus estados emocionais e também os estados emocionais dos outros (VERÍSSIMO, et al, 2003 como citado em SILVA, 2018). Para tanto, Saur *et al.* (2018) destacam que é indispensável que a criança já tenha desenvolvido algumas de suas funções mentais, como permanência de objeto; memória; e representações mentais da figura de apego, de si própria e do ambiente, com o objetivo de conseguir discriminar sua figura principal de apego das demais figuras do seu cotidiano e saber que a mesma existe ainda que não esteja em seu campo de visão. Os autores destacam ainda, que ter capacidades motoras de buscar a figura de apego e explorar o ambiente também são necessárias, uma vez que o nível de maturidade cognitiva no qual a criança se encontra é influenciado por fatores biológicos, e este pode exercer influência no padrão de apego que ela irá estabelecer.

Sendo assim, a qualidade da relação de apego estabelecida entre o vínculo e a figura de proximidade assume um papel crucial no desenvolvimento emocional e cognitivo da criança (SAUR et al., 2018). Silva (2018) ressalta que é a qualidade das experiências precoces que a criança desenvolve e a ativação de seus mecanismos comportamentais estáveis, que permitem que a criança estabeleça relações de confiança e segurança com outras figuras. A autora reforça que o desenvolvimento emocional, social e cognitivo, apreendido pela criança durante a infância, é influenciado pela qualidade da vinculação adquirida.

5. A ESCOLA COMO REFERÊNCIA SEGURA DE CUIDADOS E A IMPORTÂNCIA DO CUIDADOR ESCOLAR

O período pré-escolar pode ser considerado um marco no desenvolvimento da criança, pois são incentivadas a estabelecer relações com outras pessoas que não os pais, e a interagir com grupo de pares, a competência emocional é fundamental para a interação e constituição de relações (FERREIRA, 2014). O autor ressalta que no período pré-escolar a capacidade da criança de refletir verbalmente

sobre antecedentes e consequências das experiências emocionais atingem um novo grau de complexidade.

No artigo “Contribuições da Teoria do Apego no contexto escolar”, Sassi *et al.* (2018) ressaltam que a escola constitui uma das primeiras experiências de mundo externo que a criança vivencia após a sua relação com seus cuidadores primários e que é a partir desta experiência escolar que a criança estende sua rede de cuidadores e desenvolve uma rede de apoio baseada nas amizades que formará.

Sassi *et al.* (2018) ressaltam que a construção e manutenção da vinculação segura entre professor e aluno contribui para que este desenvolva estratégias mais seguras nas relações, o que possibilita maior segurança para a apropriação de sua aprendizagem como protagonista do saber, instrumentalizado pela referência que é o professor. Para estes autores, uma vez que a criança desenvolve suas experiências através da vivência com o outro, se o professor demonstrar atenção, cuidado, afeto, manter diálogo, orientar e acolher, o aluno poderá sentir segurança e proteção.

Os métodos de ensino da escola e os professores como seus representantes desempenham um papel importante para o desenvolvimento da criança e são fundamentais não apenas na evolução do processo de aprendizagem, mas também para incentivar o fortalecimento da autoconfiança e autoestima (SASSI *et al.*, 2018). A literatura científica mostra que a qualidade de vinculação e a regulação emocional têm um grande impacto no desempenho escolar da criança e no modo como esta se relaciona com os pares, parecendo estar, estas variáveis, correlacionadas (SILVA, 2018).

6. ANÁLISE DE RESULTADOS

Analisando-se os resultados obtidos, verificou-se que este estudo corrobora com estudos pregressos que atestam a correlação entre a segurança nas relações de apego/vinculação e o conhecimento das emoções em crianças em idade pré-escolar. De forma geral verificou-se que um estilo de apego seguro que versa para uma relação

com a figura de apego/vinculação de base segura e que contribui para o estabelecimento de modelos internos seguros, tende a resultar em um maior conhecimento emocional e melhor desempenho escolar por parte das crianças.

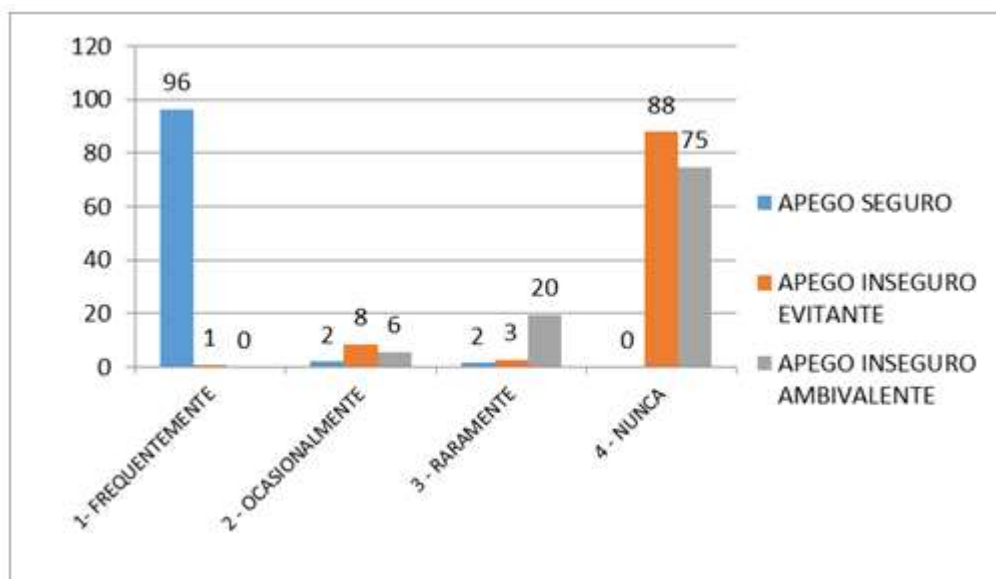
Tabela 1: Distribuição de Frequência de Comportamentos de Apego de 09 alunos de educação primária

Itens	FACETAS/ DOMÍNIOS	1- FREQUENTEMENTE	%	2 - OCASIONALMENTE	%	3 - RARAMENTE	%	4 - NUNCA	%	TOTA L N	TOTAL %
	APEGO SEGURO	318	96	7	2	5	2	0	0	330	100
	APEGO INSEGURO EVITANTE	3	1	28	8	9	3	290	88	330	100
	APEGO INSEGURO AMBIVALENTE	0	0	19	6	65	20	246	75	330	100
Tota l	N	321		54		79		536		990	
	%	32		5		8		54		100	

Fonte: Elaboração própria

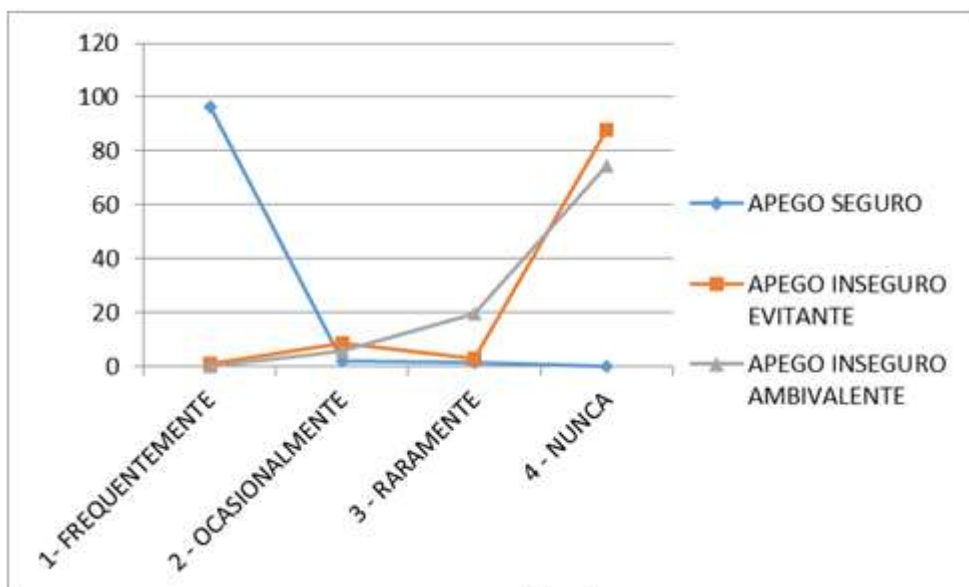
Em acordo com a Tabela 1, verificou-se que o padrão de Apego Seguro foi predominante neste estudo, uma vez que em 32% do período observado, as crianças apresentaram características deste tipo de apego e em 54% do período observado as crianças não apresentaram características comportamentais que as indicassem á outro tipo de apego. De acordo com Saur (2018), este tipo de apego é hegemônico na maioria das amostras, podendo existir uma pequena variação entre as diferentes culturas.

Gráfico 1: Distribuição de Frequência de Comportamentos de Apego de 09 alunos de educação primária



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 2: Distribuição de Frequência de Comportamentos de Apego de 09 alunos de educação primária



Fonte: Elaboração própria

Conforme se pode observar, os Gráficos 1 e 2 comprovam o acima exposto, pois dentro do período total de observação, as crianças apresentaram Apego Seguro

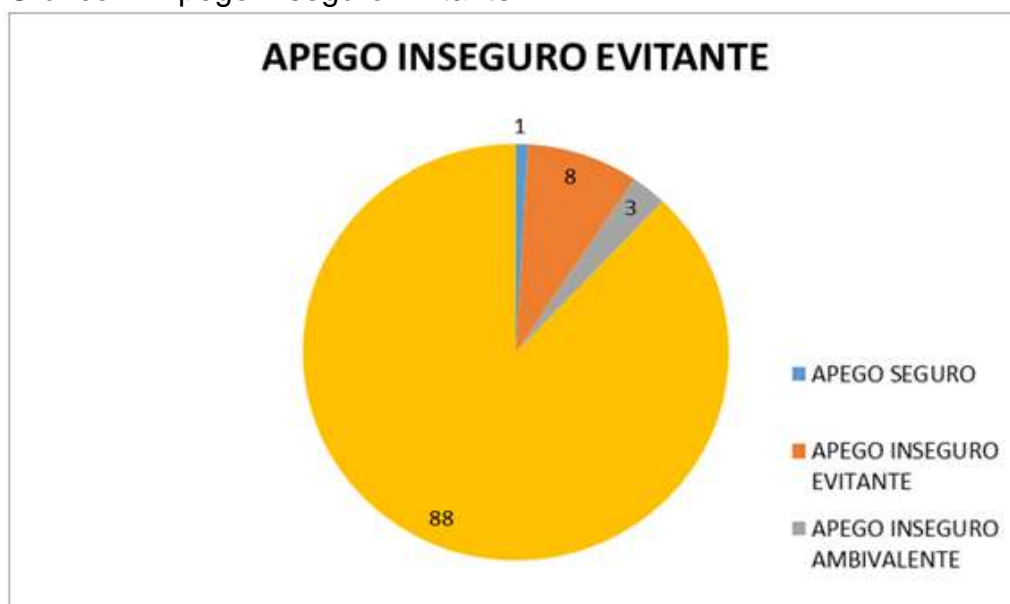
em 96% do período, Apego Inseguro Evitante em 8%, Apego Seguro Ambivalente em 20%, sendo que no restante do tempo não apresentaram nenhum tipo de comportamento que as indicasse para outro tipo de apego que não fosse o de Apego Seguro.

Gráfico 3: Apego Seguro



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 4: Apego Inseguro Evitante



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 5: Apego Inseguro Ambivalente



Fonte: Elaboração própria

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teoria do Apego/Vinculação caracteriza um campo repleto de possibilidades de aplicações que são benéficas às áreas dedicadas ao estudo e à compreensão do desenvolvimento humano. Vale ressaltar, que pesquisas sobre a Teoria do Apego/Vinculação nas diversas fases do ciclo vital, têm sido desenvolvidas em diversos países, embora no Brasil a maioria delas ainda esteja restrita ao estudo do apego na infância.

A consolidação do vínculo entre a mãe e o bebê é uma necessidade física e psicológica da criança que lhe proporciona conforto e proteção. Dessa maneira, a mãe é considerada a base segura para o estabelecimento das primeiras ligações emocionais da criança que repercutirão em todas as suas relações sociais futuras. Porém, a escola é um dos primeiros agentes socializadores da criança ao sair do aconchego familiar e da relação primária com seus pais, e através da análise da

literatura concluiu-se que o tipo de apego/vinculação tem um efeito na regulação emocional e no desempenho escolar das crianças.

Diante do exposto, entende-se que esta observação pôde corroborar com a literatura que reforça a teoria de que crianças em idade pré-escolar que apresentam modelos internos seguros detêm um maior conhecimento emocional. O padrão de apego “seguro” obteve certa relevância entre os indivíduos observados.

Pela perspectiva social, é clara a importância do entendimento e desenvolvimento da Teoria do Apego/Vinculação, para que as escolas possam aderir á estratégias mais seguras na forma de relacionamentos entre professores e alunos, usando do acolhimento e do cuidado para promover o aprendizado.

Para trabalhos futuros, recomenda-se que sejam analisadas as diferenças do conhecimento emocional em crianças provenientes de outros contextos socioeconômicos, já que seria interessante comparar se existem diferenças no conhecimento das emoções entre crianças de diferentes contextos.

Por fim, cumpre salientar que reconhecer e atribuir um determinado padrão de apego a um indivíduo, em que se pese a importância que tal atribuição possa ter, talvez implique uma utilidade limitada para esse indivíduo. Além disso, pode-se questionar a existência de padrões de apego únicos, “puros” e imutáveis, uma vez o processo de desenvolvimento, crescimento e aprendizagem se dão gradativamente e em seu devido tempo. Destaca-se ainda a necessidade de superar a ênfase na avaliação e classificação dos padrões de apego encontrados em cada indivíduo aqui observado, empregando-se um movimento no sentido da intervenção sobre os mesmos, seja em nível de promoção e prevenção, seja no nível das intervenções clínicas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Prof. Me. T. de., (2019). **John Bowlby e a Teoria do Apego**. Disponível em: <<https://slideplayer.com.br/slide/11809561/>>. Acesso em: 12 ago. 2019.
- BARSTAD, M. G., (2013). **A Teoria do Apego de John Bowlby e os estudos de apego em adultos**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- DALBEM, J. X., & DELL'AGLIO, D. D., (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 57, n. 1, p.12-24.
- FAGUNDES, A. J. F. M., (2015). **Descrição, Definição e Registro de Comportamento**. 17 ed. Edicon.
- FERREIRA, P. S. O., (2014). **A relação entre a qualidade da vinculação e o desenvolvimento emocional de crianças em idade pré-escolar**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa.
- RAMIRES, V. R. R., & SCHNEIDER, M. S., (2010). Revisitando alguns conceitos da Teoria do Apego: Comportamento versus Representação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. 1, p.25-33.
- SASSI, F., et al., (2018). Contribuições da teoria do apego no contexto escolar. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. V. 06, n. 10, p.05-28.
- SAUR, B., et al., (2018). Relação entre vínculo de apego e desenvolvimento cognitivo, linguístico e motor. **Psico**, v. 3, n. 49, p.257-265.
- SAVOLDI, D. C., & PASTÓRIO, S. C., (2015). **Relatório final do estágio básico I – observação do comportamento**. Pato Branco: Faculdade de Pato Branco – Fadep.
- SILVA JUNIOR, S. D. da., & COSTA, F. J. da., (2014). **Mensuração e Escalas de Verificação: uma Análise Comparativa das Escalas de Likert e Phrase Completion**. São Paulo: ISSN 2177-3866, p. 1 - 16.
- SILVA, F. de F. M., (2018). **A Importância da Qualidade da Vinculação na Regulação Emocional e no Desempenho escolar em crianças do 1ºCiclo: Revisão da literatura**. 31 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade de Coimbra - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Coimbra.
- SILVA, N. F. F., (2014). **Teoria da Vinculação**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Porto.